

Capítulo 1

Hannah Bellinger tinha sido sempre mais uma atriz secundária do que uma atriz principal. A animadora de serviço. Se tivesse vivido no tempo da Regência, em Inglaterra, seria o padrinho em cada duelo, sem nunca empunhar a pistola. Nunca essa distinção tinha sido tão óbvia como agora, enquanto se sentava na sala de audição escura a observar uma rapariga com talento natural para protagonista como se a sua vida dependesse disso.

As mãos de Hannah desapareceram nas mangas da camisola como tartarugas gémeas que se encolhem nas carapaças, os dedos escondidos em redor da prancheta no colo. Lá estava. O grande final. No estúdio Storm Born, o ator principal representou uma cena com a atriz que personificava a última esperança do dia. Desde as oito da manhã, o estúdio tinha sido uma porta giratória de mulheres ingénuas de olhos arregalados, e não é que nenhuma delas pareceu ter química com o ator, a ponto de Hannah se sentir prestes a desfalecer de fome, com a boca a saber a café estragado?

Aquela era a vida de uma assistente de produção.

— Esqueceste-te de confiar em mim — sussurrou a ruiva, de voz quebrada, lágrimas a fazer surgir rastros de rímel nas suas bochechas. Bolas, a rapariga era fogo. Até Sergei, o escritor e realizador do projeto, estava num estado de suspensão raro, a ponta dos óculos presa entre os seus lábios cheios e sonhadores, o tornozelo cruzado sobre o joelho oposto, a sacudir-se, a sacudir-se. Aquela era a sua postura de *impressionado*. Depois de dois anos de trabalho como sua assistente de produção — e a acarinhar uma paixoneta há muito não correspondida pelo homem —, Hannah conhecia todos os seus trejeitos. E esta ruiva

poderia apostar a própria renda de casa em como seria selecionada para *Deslumbrados*.

Sergei virou-se para o sítio onde Hannah se aninhara, no canto da sala de conferências gelada, e levantou uma sobrancelha negra excitada. O momento de triunfo partilhado foi tão inesperado que a prancheta escorregou do seu colo e desabou no chão. Abalada, ela alcançou-a, mas não queria perder o momento com o diretor, por isso dobrou-se e elevou um polegar na direção de Sergei. E, nesse momento, lembrou-se de que o seu polegar estava preso dentro da manga da camisola, criando um gesto estranho em forma de estrela-do-mar que, de qualquer modo, ele não viu porque já se tinha virado uma vez mais.

Sua autêntica naba.

Hannah devolveu a prancheta ao colo e fingiu escrever notas muito sérias. Graças a Deus, estava escuro na retaguarda do estúdio. Ninguém conseguia ver a onda cor de tomate que lhe subia pelo pescoço.

— Cena final! — gritou Sergei, levantando-se da mesa de produtores virados para a área de audição para aplaudir devagar. — Extraordinário. Simplesmente extraordinário.

A ruiva, Maxine, sorriu enquanto tentava limpar o rímel que escorria para a gola da sua *T-shirt* preta.

— Oh, uau. Obrigada.

— Pareceu-me bem — suspirou Christian, fazendo um sinal a Hannah para lhe passar o seu café gelado.

Fui convocada.

Levantou-se da cadeira e pousou a prancheta, indo buscar a bebida do ator ao minifrigorífico, e levando-lha. Quando ela removeu a tampa de metal e ele não esboçou nenhum gesto para a agarrar, ela rangeu os dentes e direcionou a palhinha para os seus lábios. Quando ele teve a lata de a olhar nos olhos enquanto sorvia ruidosamente, ela olhou-o de volta com uma expressão de pedra.

Era isto que querias.

Um trabalho comum que lhe permitisse ganhar dinheiro — sem depender dos milhões que o padrasto tinha no banco. Se ela revelasse o seu apelido, o velho Christian sorvedor iria cuspir o café. Mas, além

de Sergei, ninguém sabia que Hannah era a filha do lendário produtor, e ela preferia assim.

Enteada, corrigiu-se, mentalmente.

Uma distinção que nunca se tinha dado ao trabalho de fazer antes do verão anterior.

A viagem para Westport há seis meses teria realmente acontecido? As semanas que tinha vivido em cima de um bar do Pacífico Noroeste, renovando-o com amor na companhia da irmã, em homenagem ao pai biológico, pareciam um sonho indistinto. Um que não conseguia sacudir. Invadiu-lhe a consciência como um golfinho a destacar-se contra uma onda em tubo, deixando-a saudosa nos momentos mais estranhos. Como naquele, em que Christian estava a arregalar os olhos, para lhe indicar que era hora de remover a palhinha.

— Obrigado — arfou ele. — Agora tenho de ir fazer chichi.

— Tenta ver o lado positivo — murmurou Hannah, como que para não interromper um Sergei efusivo. — Há espelhos na casa de banho. Os teus objetos favoritos.

Christian soltou um ronco, permitindo que um dos cantos da boca se recurvasse para cima.

— Deus, és mesmo uma cabra. Adoro-te.

— ... é isso que dizes aos espelhos?

Trocaram um olhar fulminante com os lábios retorcidos.

— Penso que falo por toda a equipa de produção quando digo que encontrámos a nossa Lark — disse Sergei, aproximando-se da mesa para beijar as duas bochechas da atriz abalada. — Estás disponível para começar a gravar no fim de março? — Sem esperar a resposta, Sergei pressionou os nós dos dedos contra as têmporas. — Neste momento, estou a ver um local de gravações completamente diferente. A energia que o Christian e a Maxine geram juntos não funciona na paisagem de Los Angeles. Estou certo disso. É demasiado mundana. Original. Corrói os contornos dos dois. Precisamos de uma localização mais suave. As esquinas angulosas de LA vão, simplesmente, limitá-los, oprimi-los.

Hannah ficou imóvel, observou a mesa de produtores a trocar olhares nervosos. O temperamento artístico era real — e Sergei tendia a ser

mais volátil do que a maioria. Uma vez tinha obrigado o pessoal todo a usar vendas no local de gravação para não prejudicarem a magia de uma cena ao vê-la. *Cada venda é outra camada de mistério!* Mas aquele comportamento era uma das principais razões pelas quais Hannah gravitava em redor do realizador. Ele movia-se no caos, curvando-se aos caprichos da criatividade. Confiava nas suas escolhas e não tinha tempo para pessimistas.

Era um autêntico ator principal.

Como seria isso? Ser a estrela no filme da nossa própria vida?

Hannah representava o papel secundário há tanto tempo que começava a ficar com artrite nos dedos. A irmã, Piper, tinha sempre exigido o papel principal desde a infância, e Hannah ficara sempre satisfeita com o lugar à sombra, adivinhando que era a sua deixa para se tornar a melhor atriz secundária, chegando a pagar a fiança à irmã por mais do que uma vez. Era nessas ocasiões que brilhava. Incentivava a heroína nos seus momentos difíceis, dava a cara para defender a personagem principal quando era necessário, dizia as coisas certas em momentos de cumplicidade.

As atrizes secundárias não querem nem precisam da glória. Davam-se por satisfeitas por poder apoiar a personagem principal e por terem um papel importante na sua missão. E Hannah estava satisfeita nesse papel, também. Não estava?

Uma memória insinuou-se sem o seu consentimento.

Uma memória que a fez dar um salto por qualquer motivo.

Aquela de há seis meses, numa exposição de vinis em Seattle, onde se tinha sentido como a personagem principal. A remexer por entre os discos com Fox Thornton, pescador de caranguejo-real e um mulhengo do pior calibre. Quando estavam os dois de pé, ombro a ombro, a partilhar um par de *AirPods* e a ouvir *Silver Springs*, foi como se o mundo se desvanecesse ao redor deles.

Apenas uma anomalia.

Apenas uma casualidade.

Inquieta, provavelmente devido às nove chávenas de café que tinha tomado ao longo do dia, Hannah devolveu o café gelado ao frigorífico e esperou, ao canto, para descobrir que tipo de problemas é que Sergei

iria levantar à equipa. Sinceramente, ela adorava as suas divagações, ainda que mais ninguém gostasse. Não havia modo de parar a tempestade das suas ideias. Era de meter inveja. Era *sexy*.

Este tipo era o seu género.

Mas ela não era simplesmente o dele, se os últimos dois anos tinham servido para perceber alguma coisa.

— Como assim, já não vês Los Angeles como pano de fundo? — perguntou um dos produtores. — Já temos as licenças.

— Sou o único que viu a chuva a cair nesta cena? Uma nostalgia silenciosa ao redor deles? — Quem não gostaria de sair com um homem que se saía com aquele tipo de terminologia sem sequer pestanejar? — Não podemos usar a dimensão crua de Los Angeles atrás deles. Vai afogá-los. Precisamos de salientar as subtilidades. Precisamos de lhes dar oxigénio e espaço e luz solar.

— Acabaste de dizer que querias dar-lhes chuva — notou o produtor, com secura.

Sergei riu-se como um artista quando se vê diante de alguém demasiado obtuso para compreender a sua visão.

— Uma planta precisa de sol e de água para crescer, não é assim? — A frustração intensificava o seu sotaque russo. — Precisamos de uma localização mais subtil para as gravações. Um lugar que permita que nos foquemos nos atores.

Latrice, a responsável pelas novas localizações, levantou a mão devagar.

— Tipo... O Lago Toluca?

— Não! Fora de Los Angeles. Imaginem...

— Eu conheço um lugar — disse Hannah, sem pensar. A boca estava a mover-se, e depois as palavras estavam a pairar no ar como um balão de fala de banda desenhada, demasiado tarde para as retirar. Toda a gente olhou para ela ao mesmo tempo. Uma posição muito pouco digna para uma atriz secundária, mesmo se fosse refrescante ver os olhos de Sergei pousados em si durante mais do que uns instantes frugais. Recordou a Hannah, de modo inconveniente, a forma como outra pessoa costumava dedicar-lhe toda a sua atenção, chegando por vezes a perceber o seu estado de espírito através de uma simples mensagem de texto.

Por isso, ela despejou o resto numa tentativa de bloquear esse pensamento inútil.

— No verão passado, estive algum tempo em Washington. Numa pequena vila pesqueira chamada Westport. — Só estava a sugeri-la por dois motivos. Primeiro, queria apoiar a ideia de Sergei e possivelmente receber em troca um dos seus breves sorrisos. E, segundo, que tal se ela conseguisse forjar uma viagem que lhe permitisse ver a irmã em nome do trabalho? Contando com a breve visita deles no Natal, só tinha visto Piper e o noivo, Brendan, uma vez nos últimos seis meses. As saudades que sentia deles eram uma dor constante no seu estômago.

— Vila pesqueira — ponderou Sergei, esfregando o queixo e começando a organizar as ideias, a reescrever mentalmente o guião. — Fala-me mais sobre isso.

— Bem — Hannah removeu as mãos do interior das mangas. Ninguém devia apresentar uma sugestão a um realizador genial, um responsável de cenário e um painel de produtores com os punhos metidos numa camisola UCLA. Já estava a amaldiçoar a sua decisão de ter amontoado o cabelo cor de palha num boné de basebol nessa manhã. *Não façamos nada que realce a vibe de irmã mais nova.* — É nostálgica e há nevoeiro, fica mesmo por cima do mar. A maioria dos residentes vive ali desde que nasceu, e são muito, hum — *casmurros, pouco acolhedores, fantásticos, protetores* —, agarrados às suas rotinas. A pesca é o seu ganha-pão, e acho que podemos dizer que há ali um quê de melancolia, pelos pescadores que perderam a vida.

Como o seu pai, Henry Cross.

Hannah teve de ultrapassar o nó na garganta para continuar.

— É singular. Passa uma sensação de desgaste. É como se... — fechou os olhos para vasculhar o seu catálogo mental de música — sabem aquela banda, Skinny Lister, que andou a fazer umas versões modernas de cantigas de marinheiros? — Olharam para ela sem sinal de reconhecimento. — Enfim. Conhecem as cantigas de marinheiros, não conhecem? Imaginem um bar cheio de homens corajosos que temem e respeitam o mar. Imaginem-nos a cantar odes à água. O oceano é a sua mãe. A sua amante. O seu sustento. E tudo nessa vila reflete o amor ao mar. A neblina salgada no ar. O perfume a salmoura

e as nuvens de tempestade. O conhecimento nos olhos dos residentes quando olham para o céu para avaliar as mudanças no tempo. Com receio. Com reverência. Onde quer que se vá, ouve-se o som da água a galgar as docas, gaivotas a crocitar, um toque de perigo... — Hannah deteve-se quando deu conta de que Christian estava a olhar para ela como se ela tivesse trocado a sua bebida fria por areia de gatos. — Enfim, Westport é isso — concluiu. — É essa a sensação.

Sergei não se pronunciou durante muito tempo, e ela obrigou-se a não ficar inquieta sob o seu raro olhar atento.

— É isso. É para aí que temos de ir.

Os produtores fulminaram Hannah com os olhos.

— Não temos orçamento para isso, Sergei. Teremos de pedir novas licenças. Despesas de deslocação para a equipa e o elenco. Alojamento.

Latrice bateu na sua prancheta, parecendo até entusiasmada com o desafio.

— Podíamos ir de carro. É longe, mas não está fora de questão... e dispensar os voos já ajuda a poupar no orçamento.

— Deixa que eu me ocupe do dinheiro — respondeu Sergei, acenando com a mão. — Vou pedir financiamento ao público. Uso o meu próprio dinheiro para isso. O que quer que seja preciso. Hannah e Latrice, podem tratar das licenças e dos pormenores da viagem?

— Claro — respondeu ela, concordando com uma ronda de noites sem dormir.

Latrice assentiu, atirando uma piscadela de olho a Hannah.

Mais olhares fulminantes por parte dos homens que tinham sido demasiado tolos para considerarem que detinham o poder de decisão.

— Nem sequer explorámos a localização...

— A Hannah vai tratar disso. É evidente que ela conhece esse sítio como a palma da mão. Ouviram a descrição? — Sergei olhou-a de novo, como se estivesse a vê-la pela primeira vez, e os dedos dos pés dela curvaram-se dentro das sapatilhas vermelhas *Converse*. — Estou impressionado.

Não fiques corada.

Demasiado tarde.

Parecia um tomate-cereja.

— Obrigada. — Sergei assentiu e começou a recolher os seus pertences, pendurando uma sacola de couro puído no ombro magro e despenteando o cabelo escuro com trejeitos arrapazados no processo.

— Estaremos em contacto — gritou ele a Maxine, ao deixar o estúdio. E, como se diz na indústria, estava decidido.



Hannah escapou ao olhar coletivo dos produtores e saiu da sala a correr, já a tirar o telemóvel do bolso para telefonar a Piper. Enfiou-se no *lounge* das senhoras para gozar de alguma privacidade, mas, antes de carregar no botão para chamar, a cabeça de Latrice insinuou-se à porta.

— Ei — disse ela, mostrando-lhe o polegar para cima através da abertura. — Bom trabalho. Tenho estado morta por esticar as pernas. Aqui entre nós, está no papo.

Graças a Deus que tinham contratado Latrice para substituir Hannah nos assuntos relacionados com a localização. Ela era uma máquina.

— Está mesmo no papo. Vou escrever-te um *e-mail* assim que termine este telefonema.

— É bom que o faças.

Latrice desapareceu outra vez e, impulsionada pelo voto de confiança, Hannah ligou a Piper. A irmã respondeu ao terceiro toque e parecia sem fôlego.

Seguiu-se o gemido distinto das molas de um colchão.

— Nem quero saber o que estavas a fazer — disse Hannah, num tom arrastado. — Mas cumprimenta o Brendan por mim.

— A Hannah diz olá — ronronou Piper para o seu noivo capitão do mar, que, obviamente, tinha acabado de a satisfazer, o que era uma atividade recorrente naquela casa. Um facto que Hannah infelizmente conhecia demasiado bem depois de passar duas semanas com eles no verão. — Que foi, mana?

Hannah içou-se para o armário junto ao lavatório do canto.

— O teu quarto de hóspedes está livre?

Um rumor de lençóis ao fundo.

— Porquê? Oh, meu Deus. Porquê? — Hannah quase conseguia imaginar as mãos da irmã a saltar, inquietas, para a garganta. — Vens cá? Quando?

— Em breve. — Depois, confessou: — Se conseguirmos licença para gravar.

Passou-se um instante.

— Licença para filmar em Westport?

— Estou convencida de que acabei de garantir ao Sergei que é o único sítio no mundo que corresponde à sua visão. — Hannah fungou. — É costume que os meus poderes de persuasão passem despercebidos.

— Nem pensar que uma equipa de filmagem vem para aqui — disse Brendan, ao fundo.

O coração de Hannah apertou-se devido à familiaridade da natureza efusiva da sua irmã comparada com a personalidade soturna e sem paciência para disparates do seu noivo. Sentia imensa falta dos dois.

— Diz ao capitão que será só por algumas semanas. Vou assegurar-me de que o fedor de Hollywood será removido de cada pedra antes de nos irmos embora.

— Deixa que eu trato dele — disse Piper, alegre. — Ele está a esquecer-se de que vou estar de ótimo humor por ter a minha irmã de visita. E claro que podes ficar aqui, Hanns. Claro. É só que... Espero que não estejas a planear vir *este mês*. Os pais do Brendan estão quase a chegar para uma visita. Vão ficar no quarto de hóspedes.

— Oh. — Hannah fez uma careta. — Se conseguirmos que as licenças sejam aprovadas depressa, seria no fim de março. O Sergei está determinado. — Hannah virou-se no armário para espreitar o seu reflexo, fazendo uma careta ao ver como o cabelo espetava pelos lados do boné de basebol. — Mas não fiques stressada, posso ficar onde quer que o pessoal fique alojado. Poder ver-te vai ser mais do que suficiente.

— Não podes dar a volta ao Sergei? Quem sabe, dizer-lhe que Westport fica ainda mais nostálgico em abril?

— Como é que sabes que ele está interessado na *vibe* nostálgica?

— O último filme dele chamava-se *Alegria Fragmentada*, não foi?

— Bem visto. — Hannah riu-se, apertando o telemóvel contra o ouvido, numa tentativa de sentir o calor da irmã através do aparelho.

— Agora a sério. Não te preocupes com isso do quarto de hóspedes. Não há problema se...

— Sabes que há uma poss... — Piper deteve-se. — Esquece.

Hannah inclinou a cabeça ao ouvir a retirada apressada da irmã.

— O quê?

— Não, a sério. Era má ideia.

— Então diz-me. Também quero vaiá-la.

Piper bufou.

— Ia dizer que o Fox tem um quarto livre lá em casa. E, como sabes, ele passa grandes temporadas fora, no barco com o Brendan. Mas ele também costuma passar temporadas em casa, o que explica porque é uma má ideia. Esquece.

Era estúpido, na verdade. O modo como Hannah saltou do armário perante a menção àquele sedutor endiabrado e começou a meter mechas de cabelo para dentro do boné.

— Não é má ideia — disse, defendendo Fox automaticamente, apesar de os dois não se verem há seis meses.

Só tinha havido as mensagens diárias.

Que, definitivamente, não ia revelar a Piper.

— Damo-nos bem. — *Baixa a voz.* — Somos amigos.

— Eu sei, Hanns — disse Piper, num tom indulgente.

— E, como sabes — baixou ainda mais a voz —, eu tenho aquela paixoneta por uma certa pessoa. — Hannah não fazia ideia do que a levava a querer provar a Piper, e talvez a si própria, que era apenas amiga de um homem que trocava de mulher como se fossem moedas numa *slot machine*. Mas lá estava. — Ficar em casa do Fox não é má ideia. Como acabaste de dizer, ele só passa metade do tempo em casa. Vou poder guardar comida no frigorífico, o que não seria possível num quarto de hotel. E vai ser uma pequena poupança nos gastos da produção, o que me deixaria bem-vista aos olhos do Sergei.

— Falando no Sergei, quando é que lhe vais pedir finalmente?

Hannah respirou fundo, deitando um olhar à porta da casa de banho.

— Sim, penso que esta possa ser a minha oportunidade, visto que acabei de mostrar o meu valor. Já há um coordenador de música a

contrato, mas vou pedir para ser sua assistente. Seria um passo na direção certa, pelo menos, certo?

— Certíssimo — disse Piper, batendo palmas ao ritmo das asas de um beija-flor do outro lado. — Tu consegues, miúda.

Talvez.

Talvez não.

Hannah aclarou a garganta.

— Podes falar com o Fox para saber se posso ficar no quarto de hóspedes dele? Ele pode sentir-se pressionado se for eu a pedir diretamente. Só para a ideia ficar a pairar, no caso de ser mesmo em março e de o vosso quarto estar ocupado.

Piper hesitou por um instante.

— Tudo bem, Hanns. Adoro-te.

— Também te adoro. Abraços para o mauzão.

Hannah desligou com uma gargalhada de Piper e bateu com o telemóvel contra os lábios. Porque teria a pulsação acelerada? De certeza que não era por causa da possibilidade de vir a ocupar um quarto no apartamento de Fox. Podia ter sentido uma atração incontornável pelo piloto suplente da primeira vez que se tinham visto, mas depois de o telemóvel dele apitar pela centésima vez com chamadas a convidá-lo para aventuras, tornou-se lamentavelmente evidente que ele usava o seu aspeto incrível para tirar vantagem do sexo oposto.

Fox Thornton não era o género dela. Ele era do tipo mau namorado. Mas *era* seu amigo.

O polegar dela vagueou sobre o ecrã do telemóvel por um instante, antes de tocar na corrente de mensagens entre os dois, e releu a que ele lhe tinha enviado na noite anterior, antes de ela cair no sono.

FOX (23h32): Hoje o dia teve uma *vibe* Hozier.

HANNAH (23h33): O meu dia foi bastante Amy Winehouse.

Não havia nada mais amigável do que partilhar que tipo de música definia os seus dias. Independentemente do muito que ansiava por essas mensagens noturnas. Ficar em casa de Fox não implicava nenhum

tipo de risco. Era possível ser apenas amiga de um homem que transpirava sexo — e ela não teria dificuldade em prová-lo.

Satisfeita com o seu raciocínio, Hannah usou o telemóvel para começar a organizar tudo.

Capítulo 2

Fox recostou-se nas almofadas do sofá e levou a cerveja aos lábios, dando um grande gole para disfarçar a vontade de rir da expressão séria do homem que estava sentado à sua frente.

— O que vem a ser isto, Capitão? Uma intervenção?

Não é que nunca tivesse visto Brendan descontente no passado. Deus era testemunha de que sim. É que, nos últimos seis meses, desde que conhecera a sua noiva, Piper, Fox apenas tinha visto o capitão do *Della Rey* com um ar realizado. Era quase suficiente para levar um homem a reconsiderar a sua opinião sobre relacionamentos.

Pois. Está bem.

— Não, não é uma intervenção — disse Brendan, ajustando o gorro na cabeça. Depois, tirou-o de vez e pousou-o no joelho. — Mas, se continuares a adiar a conversa sobre assumires o leme como capitão, vou ter de organizar uma.

Aquela era a oitava vez que Brendan lhe pedia que arriscasse e dirigisse a tripulação. De início, ele tinha simplesmente ficado boquiaberto. Ele teria passado a impressão de que era capaz de se responsabilizar pela vida de cinco homens? Em caso positivo, só podia ter sido por acidente. Ele ficava satisfeito por obedecer a ordens, fazer bem o seu trabalho e retirar-se com a sua parte da captura, quer os seus ganhos viessem dos caranguejos no outono, quer da pesca durante o resto do ano.

Sair-se bem sob pressão era algo que estava no sangue de um pescador de caranguejo-real. Ele tinha estado ao lado de Brendan no *Della Ray* e encarado a morte. Mais do que uma vez. Mas lutar contra a natureza não era o mesmo que dirigir uma tripulação. Tomar decisões.

Assumir os erros que iria cometer inevitavelmente. Esse era um tipo de pressão completamente diferente — e ele não estava certo de ter estofo para isso. Mais precisamente, não tinha a certeza de que a tripulação *acreditasse* que ele tinha estofo para os liderar. Com base na sua vasta experiência, a equipa de uma embarcação de pesca precisava de confiar totalmente no seu capitão. Qualquer hesitação podia custar a vida a um homem. Aqueles imbecis mal o levavam a sério como pessoa, quanto mais como alguém que desse ordens.

Pois. Tudo o que ele queria era um sítio para dormir e assistir a basbol, algumas cervejas no fim de um dia difícil e um corpo disposto e cheio de luxúria no escuro.

Embora a última necessidade não estivesse tão latente nos últimos tempos.

Não estava nada latente, na verdade.

Fox estalou o maxilar e concentrou-se.

— Não é preciso nenhuma intervenção. — Encolheu os ombros. — Já te disse, fico honrado por pensares em mim, meu. Mas não estou interessado. — Equilibrou a garrafa de cerveja entre as coxas e começou a remexer na tira de couro entrançado que trazia enrolada ao pulso. — Estou satisfeito por poder substituir-te quando saís do convés, mas não quero que isso seja permanente.

— Pois. — Brendan passou os olhos com perspicácia pelo apartamento despido de Fox. — Quem diria.

Era justo. Quem quer que entrasse no apartamento de dois quartos virado para Grays Harbor iria presumir que Fox ainda estava em mudanças quando, na realidade, já ali estava há seis anos.

Aos trinta e um anos, ele tinha regressado a Westport sem planos para voltar a partir. Em tempos, tinha frequentado a universidade no Minnesota com um propósito, mas não tinha corrido muito bem. Era bem feito por achar que Westport não iria chamá-lo de volta. Acabava sempre por o fazer. A primeira vez que saíra dali tinha-lhe custado a ingenuidade que ainda possuía, e agora? Canalizava o que lhe restava para a pesca.

E para as mulheres. Ou costumava fazê-lo, de qualquer maneira.

— Já pensaste em pedir ao Sanders? — Fox obrigou-se a parar de mexer na pulseira. — O dinheiro extra ia dar-lhe jeito com o bebé que está a caminho.

— O lugar dele é no convés. O teu é na casa do leme, é o meu instinto. — Brendan nem pestanejou. — O segundo barco está quase concluído. Vou organizar uma nova tripulação, expandir-me. Quero que o *Della Ray* fique em boas mãos, em mãos confiáveis.

— Jesus, não desistes — disse Fox com uma gargalhada, pondo-se de pé e dirigindo-se ao frigorífico para ir buscar outra cerveja, embora só tivesse bebido metade da primeira. — Parte de mim até está a achar piada a isto. Não é todos os dias que posso dizer que não ao meu capitão.

Brendan rosnou.

— Vou vencer-te pelo cansaço, seu sacana teimoso.

Fox fez-lhe um sorrisinho sobre o ombro.

— Não vais. E quem és tu para chamar alguém de teimoso, quando usaste a aliança de casamento durante sete anos?

— Bem — balbuciou Brendan —, encontrei uma boa razão para a tirar.

Lá estava ele, a parecer realizado uma vez mais.

Fox riu-se, removeu a carga da garrafa com os dentes e cuspiu-a para o lava-loiça.

— Falando no que te levou a acabar com a abstinência autoimposta, não devias estar em casa a jantar com ela?

— Ela está a assegurar-se de que o esparguete está quente quando eu chegar. — Brendan moveu-se no seu assento e atravessou-o com um olhar que era famoso entre os membros da tripulação. Era um claro *Senta-te e vê se te calas*. — Tenho outro motivo para vir aqui falar contigo.

— Precisas de mais conselhos sobre mulheres? Porque já saíste da área que eu domino. Se vieste perguntar-me o que a tua noiva quer, é melhor pedires-me que recite a tabela periódica em vez disso. Há mais probabilidades de eu acertar nisso.

— Não preciso de conselhos. — Brendan olhou-o com seriedade. Atento. À caça de dissimulação. — A Hannah vem aí.

A garganta de Fox fechou-se. Estava prestes a sentar-se quando Brendan proferiu aquelas quatro palavras, de modo que se virou no

último instante, ainda meio dobrado, alisando uma almofada desnecessária nas costas para não ter de encarar os olhos do velho amigo. E, por Deus, não seria isso patético?

— Ah sim? Para quê?

Brendan suspirou. Cruzou os braços.

— Sabes que ela ainda está a trabalhar naquela produtora. De alguma forma, convenceu-os de que Westport era o sítio ideal para gravarem o filme.

A gargalhada de Fox quebrou-se na sala quase despida.

— Deves estar mesmo entusiasmado.

O capitão era o presidente não-oficial de Westport. Era, claramente, um homem de poucas palavras, mas quando opinava sobre algum assunto, toda a gente ouvia. Em algumas cidades, veneravam-se jogadores de futebol. Ali, eram os pescadores — e mais ainda o homem atrás do leme.

— Não me importa o que façam, desde que me deixem em paz.

— Pessoas de LA a deixarem-te em paz — refletiu Fox, obrigando-se a adiar a conversa sobre Hannah. Como uma espécie de castigo estranho e autoimposto. — Como é que isso correu da última vez?

— Isso foi diferente. Era a Piper. — *Bem, com mil diabos.* As orelhas do homem estavam a ficar vermelhas. — De qualquer maneira, os meus pais vão estar aqui de visita enquanto essa história das filmagens vai estar a acontecer. É por isso que a Hannah não pode ficar no nosso quarto de hóspedes.

Ele fingiu aborrecimento.

— Então ofereceste o meu.

Não era fácil perceber se Brendan estava a acreditar na sua encenação.

— A Piper deu a ideia, e a Hannah pareceu interessada.

O polegar de Fox enterrou-se no rótulo da cerveja e puxou uma tira direita.

— A sério. A Hannah quer ficar aqui? — Porque é que as palmas das suas mãos estavam a ficar encharcadas? — Quanto tempo vão durar as filmagens? Ela iria ficar aqui por quanto tempo?

— Duas semanas ou assim. Achei que ela é capaz de ter o apartamento só para ela durante metade do tempo, quando estivermos no barco.

— Certo.

Mas, na outra metade do tempo, iriam estar ali juntos.

Como é que Fox havia de se sentir em relação a isso?

Ainda mais importante — e era uma pergunta que fazia a si mesmo com demasiada frequência —, que raio havia de sentir em relação a Hannah? Ele nunca — nem por uma vez — tinha tido uma rapariga como amiga. No verão anterior, Hannah e a irmã tinham aterrado em Westport, duas meninas ricas de LA que haviam ficado sem a mesada do papá. Fox tentara apenas ajudar Brendan com a sua paixoneta por Piper e, para isso, tinha distraído a sua irmã mais nova com um passeio até à loja de discos.

Depois, tinham ido à exposição de vinis juntos. Havia passado os últimos seis meses a trocar mensagens sobre tudo e mais alguma coisa... e ela tinha tido a lata de se infiltrar na sua pele de uma maneira que não fazia sentido nenhum para ele.

O sexo não era uma possibilidade entre eles.

Isso tinha ficado estabelecido desde cedo, por uma série de razões.

A primeira era que ele não pescava nas águas da vizinhança.

Se precisasse da companhia de uma mulher — e devia mesmo voltar a esse tipo de rotina o quanto antes — ia até Seattle. Não havia perigo de dormir acidentalmente com a irmã de alguém, ou com a mulher ou a prima de algum primo, e podia lavar as mãos do encontro logo de seguida. Regressava a Westport sem risco algum de se cruzar com um engate. Fácil. Sem espinhas nem confusões.

A segunda razão pela qual não podia dormir com Hannah era o homem que estava sentado na sua sala. Fox tinha ouvido o ultimato no verão passado. Tinha-lhe ficado gravado na memória. Dormir com a irmã mais nova de Piper resultaria em desastre, porque, se ela ficasse apegada a ele, Fox iria sem dúvida acabar por a magoar. E isso transformaria a vida do seu capitão e melhor amigo num inferno, porque as irmãs Bellinger apoiavam-se mutuamente.

Mas Fox tinha ainda uma terceira razão — a mais importante — para manter as mãos longe de Hannah. Ela era sua amiga. Era uma mulher que gostava genuinamente dele por algo que não o seu pénis. E sentia-se estupidamente bem quando passava tempo com ela. Quando falava com ela.

Divertiam-se. Punham o outro a rir.

A forma como ela verbalizava as letras de músicas deixava-o a pensar. Nos seis meses desde que ela tinha partido, ele prestava mais atenção ao nascer do sol. Tinha começado a reparar em desconhecidos e nos seus gestos. Ouvia música. Até o seu trabalho lhe parecia mais sério. Hannah tinha-o conseguido de alguma maneira. Tinha-o levado a prestar atenção ao seu redor e a refletir.

Brendan estava a fitá-lo de sobranceiras franzidas. Desconfortável.

— Claro que a Hannah pode ficar aqui. Mas tens a certeza de que é boa ideia? — O estômago revirou-se. — As pessoas podem reparar que ela está aqui. Comigo.

O capitão hesitou.

— Acho que os mexericos acabam sempre por acontecer. Desde que não se refiram a nada que esteja mesmo a acontecer.

— Desembucha logo. — Fox fez um som impaciente, cada vez mais ciente do que vinha aí. — Diz-me para não a levar para a cama.

O capitão coçou o centro da testa.

— Ouve, detesto ter de te dizer isto mais do que uma vez. Parece que estou a torturar-te e... Jesus, a tua vida sexual só a ti diz respeito, mas não seria assim com ela aqui alojada. Quartos próximos e isso tudo.

Fox recusou-se a facilitar a vida ao amigo. E suspeitou de que Brendan já sabia disso ao se dirigir ali. Eram homens que se responsabilizavam frequentemente pela vida um do outro. Não davam sermões um ao outro. *Era* tortura. Talvez fosse por isso que a conversa parecia estar a transformar-se num golpe baixo quando, de início, parecia uma simples bofetada.

Quando o silêncio se prolongou sem que Fox dissesse nada, Brendan suspirou.

— Ela é a minha futura cunhada. Não é passageira de maneira alguma, *okay*? Mantém as mãos longe dela. — Fez um gesto decidido. — É a última vez que te falo nisto.

— Tens a certeza? Posso enviar-te um lembrete amanhã...

— Não sejas parvo. — Ambos sacudiram visivelmente a irritabilidade, endireitando os colarinhos das *T-shirts* e fingindo interesse na televisão. — Provavelmente nem era preciso termos tido esta conversa,

tendo em conta que ela continua caidinha pelo tal realizador. Um Sergei. — Brendan deu uma palmadinha no joelho. — Será que também devia tratar dessa situação? Ameaçar que lhe parto a cara se tentar aproveitar-se da Hannah?

— Não. Jesus, não é culpa do homem se ela gosta dele — disparou Fox, tentando aliviar a pressão que lhe comprimia o peito. Ele sabia da paixoneta de Hannah desde o verão anterior e em fevereiro ela continuava interessada no homem, por isso era provavelmente estúpido se achava que o deslumbramento se tinha esgotado. Não era o seu assunto de conversa favorito. Qualquer menção ao realizador dava-lhe vontade de abrir um buraco na parede falsa. — Vais andar ocupado com os teus pais enquanto a Hannah estiver aqui. Eu fico atento a isso, se quiseres. A essa história com o realizador.

Por que raio é que se tinha oferecido para fazer uma coisa dessas?

Não fazia a mais pálida ideia.

Mas estaria a mentir se dissesse que a gratidão instantânea de Brendan não aliviava a ferroada da conversa anterior. Fox podia ser um mulherengo, mas podiam confiar nele para olhar pelos outros. Tinha construído uma carreira em torno disso.

— Sim?

Fox espetou o ombro, deu um gole na cerveja.

— Claro, se me parecer que as coisas estão a evoluir, eu... — Veio-lhe à ideia sabotar as coisas. — Asseguro-me de que ela está segura. — Nem sequer quis perceber por que razão aquelas palavras se espalhavam como mel morno nas suas terminações nervosas inquietas. Proteger Hannah. Que responsabilidade que isso traria. — Não que ela não seja capaz de olhar por si — acrescentou, depressa.

— Claro, pois — disse Brendan. Também depressa. — Ainda assim...

— Hum-hum. Vou vigiá-la como um falcão.

Brendan encheu o peito amplo e soltou um forte suspiro, batendo com as mãos nos braços da cadeira.

— Bem. Ainda bem que está resolvido.

Fox apontou com a cerveja.

— A porta é por ali.

O capitão rosnou e foi-se embora. Fox nem sequer fingiu que ainda estava interessado na cerveja depois disso. Em vez disso, levantou-se e atravessou o espaço, detendo-se diante do armário que tinha comprado numa venda de garagem. Não era da sua natureza comprar mobiliário, mas precisava de qualquer coisa para arrumar os discos de vinil que tinha começado a colecionar. Comprara o primeiro na viagem a Seattle. The Rolling Stones. *Exile on Main St.* Até Hannah tinha aprovado quando ele o agarrara na exposição.

De qualquer modo, o raio do disco tinha começado a parecer demasiado solitário, ali sozinho, então ele tinha ido até à *Disc N Dat* comprar mais uns quantos. Hendrix, Bowie, The Cranberries. Clássicos. A pilha tinha crescido tanto e parecia quase acusatória no seu silêncio que — depois de tentar convencer-se em contrário — ele tinha encomendado um gira-discos.

Fox procurou atrás do armário, onde guardava a chave, e tirou-a da bolsa de couro. Destrancou a porta e olhou para o arco-íris vertical de álbuns, hesitando apenas antes de tirar Madness. Posicionou a agulha sobre *Our House*. Depois de a ouvir até ao fim, pegou no telemóvel e pôs a música de início, gravando um clipe de áudio e enviando-o a Hannah.

Alguns minutos depois, ela devolveu-lhe um clipe do tema principal de *Golden Girls*.

Através da música, tinham acabado de concordar que ela iria ficar no seu quarto de hóspedes — e havia sido assim desde que ela se fora embora. Fox tinha esperado que as mensagens parassem, sustinha a respiração ao fim de cada dia e apenas a soltava quando a mensagem chegava.

Engolindo em seco, virou-se e olhou para o quarto de hóspedes. Hannah estava em LA. Aquela era uma amizade baseada em algo mais... puro do que aquilo a que ele estava habituado. E era seguro. Trocar mensagens era seguro. Era uma forma de dar algo a alguém sem desistir de tudo.

Será que ele seria capaz de manter as coisas nessa página com ela a viver no mesmo apartamento?